

# A divisão na Aliança paralisa Constituinte

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

Só o PMDB e o PFL, com suas frequentes divergências nas várias fases da Constituinte, conseguem provar para a opinião pública que a Assembléia instalada solenemente em 1º de fevereiro está em atividade. Somente isso, ou pouco mais do que isso. O regimento interno não foi ainda promulgado, a Mesa Diretora continua incompleta — só com o presidente eleito —, os líderes ainda não indicaram os representantes das bancadas nas nove comissões.

A Assembléia Constituinte, propriamente dita, ainda não começou a funcionar, o que só acontecerá depois de eleita a Mesa Diretora e instaladas as comissões temáticas.

Além da aprovação dos regimentos internos, provisório e permanente, o único fato de destaque foi a eleição (inesperada) do senador paulista Mário Covas para líder do PMDB na Constituinte.

Em todas as etapas, cumpridas e a cumprir, o PMDB e o PFL estão-se estranhando. Como diria um veterano repórter policial, por pouco não chegam "às vias de fato".

Eleito na última quinta-feira para liderar 303 constituintes do PMDB — menos ele próprio e Ulysses Guimarães —, o senador Mário Covas encontrou a bancada em estado de beligerância. Como sempre, com o parceiro da Aliança Democrática, o PFL.

As divergências entre os dois partidos que formam a ainda existente Aliança Democrática começaram na discussão do regimento provisório e prosseguiram, com mais intensidade, na discussão e votação do regimento interno permanente da Constituinte.

Esta etapa parece superada. O documento deverá ser promulgado terça-feira, em plenário.

Nos últimos dias parecia que o PMDB e o PFL dominariam a Constituinte em paz — forçada, mas paz. Segunda-feira à noite, Ulysses Guimarães reuniu-se, em sua residência oficial de presidente da Câmara, com os líderes do PMDB na Câmara e no Senado. Extrapolaram suas atribuições, pois acertaram a composição da Mesa da Assembléia Constituinte e a divisão dos partidos nas comissões.

Havia a certeza de que o deputado Luiz Henrique, líder do partido na Câmara, seria também o líder do PMDB na Constituinte e, possivelmente, em revezamento com Fernando Henrique, líder da bancada peemedebista no Senado. Nenhum deles esperava a reação da bancada — recusando o acordo que cedia a 1ª vice-presidência da Constituinte ao PFL, elegendo o senador paulista Mário Covas para líder do partido na Constituinte e desprotando o líder que havia feito o acordo.

No meio das divergências internas no PMDB, as lideranças do PFL trataram de salvar a pele. Quinta-feira pela manhã, menos de 24 horas depois da eleição de Mário Covas,

deputados e senadores do PFL resolveram não esperar a palavra do novo líder. Decidiram fechar o acordo anterior e indicar seus dois representantes na Mesa Diretora — 1º vice-presidente (Humberto Souto) e 2º secretário (Divaldo Suruagy). De quebra, o irrequieto líder José Lorenço — que torceu pela derrota de Mário Covas — fez uma declaração de guerra: se o PMDB recuar, rompendo o acordo, o PFL não participará de nenhum lugar da Mesa, nem indicará presidentes e relatores às comissões temáticas.

Sem tempo de respirar, após sua espetacular vitória, Mário Covas viu-se às voltas com acordos feitos à revelia da bancada e sem esperar a eleição do líder competente para encaminhar o assunto.

Criou-se o dilema: ou o líder competente simplesmente ratificava o acordo de Ulysses Guimarães e dos líderes do PMDB na Câmara e no Senado para a Mesa da Constituinte, ou aceitava a declaração de guerra do PFL, iniciando sua gestão em conflito. O senador paulista inspirou-se na própria atitude do PFL para agir: se o PFL reuniu sua bancada e indicou os seus representantes na Mesa, nos cargos a que julgava ter direito, nada melhor do que também o PMDB reunir seus constituintes e adotar a mesma decisão. Na terça-feira, deputados e senadores constituintes do PMDB, já agora sob o comando do líder de fato e de direito, deverão definir e decidir a participação do partido na Mesa Diretora.

Tudo indica que a maioria dos constituintes do PMDB não aceitará o acordo feito por Ulysses e os líderes na Câmara e no Senado. Há evidente rejeição da oferta feita ao PFL para ficar com a 1ª vice-presidência, apesar da receptividade de Ulysses ao nome indicado pelo PFL. O PMDB insiste em ocupar a 1ª vice-presidência e o nome mais cogido é o do senador cearense Mauro Benevides — que iniciou a reação, recusando a 2ª vice-presidência.

O PMDB também não concorda com a substituição feita ao PFL, PTB e PTB nos três lugares de suplente dos secretários da Mesa. O partido paulista reivindica, ainda, um lugar de suplente, com a exclusão, em preferência, do PTB. O PDT e o PPS poderiam ficar, mas desde que prometam não criar tantos problemas ao PMDB, em questões fundamentais para o partido, em discussões nas comissões temáticas e no plenário.

Resumindo: após 50 dias, a Assembléia Constituinte ainda não começou a funcionar de fato. Depois da instalação solene, em 1º de fevereiro, houve a brigatinha pelo regimento provisório, o recesso de Cabri naval, as brigatinhas pelo regimento permanente, o recesso da posse dos governadores; agora, haverá as brigatinhas pela Mesa, as brigatinhas pelas comissões e, em seguida, o recesso da Semana Santa. Ninguém é de ferro.